

Ciberescritas

Histórias às pinguinhas



Isabel Coutinho

Alguns escritores sul-africanos participaram num projecto em que tinham que escrever histórias divididas em 28 partes e cada uma não podia ter mais do que 900 palavras. Parece um jogo, mas não é. Obedeciam a estas regras porque estão a escrever os seus “romances” para serem lidos em telemóveis. Trata-se do projecto Novel Idea, da Mobfest, que cria conteúdos para plataformas móveis. São escritores a contar histórias através de telemóveis. Entre os escritores escolhidos estão Lauren Beukes, Richard de Nooy, Robyn Goss, Sarah Lotz, Henrietta Rose-Innes (recebeu o Caine Prize for African Writing), Francois Toerien, Sam Wilson, Stephen Simm e Zukiswa Wanner. Uns têm mais obra do que outros, alguns têm experiência como argumentistas de televisão.

Desde 7 de Julho os sul-africanos que enviaram SMS a inscreverem-se neste serviço estão a receber as mensagens com os textos destes escritores nos seus telemóveis. Depois de um bip, a avisar que chegou uma mensagem, podem imediatamente ler a história que andam a seguir. Estejam no metro, a almoçar ou estendidos numa praia. Uma vez por dia, durante 30 dias.

No “site” da Novel Idea podem ler-se alguns dos primeiros capítulos destas histórias. A técnica é sempre a mesma. As frases são curtas. Nunca há muitas personagens. E na maioria dos casos os escritores conseguem criar vontade de se querer ler mais. Queremos saber o que vai acontecer a seguir ou perceber melhor o que se passa ali.

Depois de um bip, a avisar que chegou uma mensagem, podem ler a história que andam a seguir

A ideia não é nova. Já aqui falámos do caso japonês e a Mobfest pega nessa experiência como referência. No “site” da Novel Idea diz-se que “no Japão no último ano, 5 dos 10 romances mais vendidos foram originalmente escritos para serem lidos em telemóveis, histórias que no Japão se chamam “keitai shosetsu””. O autor com mais sucesso no Japão neste momento, escreve-se, “é uma rapariga de 10 anos que já vendeu 1, 2 milhões de exemplares do seu livro e agora está a ser adaptado ao cinema”. Fala-se de Mika e de “Love Sky”, que contava a história de uma adolescente que foi espancada, violada em grupo, ficou grávida e teve um aborto espontâneo.” Tal como já aqui explicámos no Japão há editores japoneses que criaram websites só para promoverem estes romances para telemóvel e há secções onde se podem escolher livros para ler em três minutos (o tempo entre uma estação de metro e outra).

A Mobfest considera que a sociedade sul-africana é muito centrada no texto escrito mas que ainda não percebeu que pode cativar pessoas para a leitura através deste método. “Qualquer pessoa pode receber e ler ficção no seu telefone, onde quer que esteja e seja lá o que for que goste”.

Este é um projecto que não quer ficar por aqui. Foi organizado também o primeiro concurso literário para “mobilists”: o Mobilist. As pessoas podem votar no seu autor favorito através de SMS como seria de esperar.

Novel Idea
http://www.mobfest.co.za/novelidea

isabel.coutinho@publico.pt

(Ciberescritas já é um blogue http://blogs.publico.pt/ciberescritas)

← primeiro numa pizzaria, à beira do forno, por poucos euros, depois nas obras sob um sol abrasador; o Andriy sentindo a saudade dos pais, mandando algum dinheiro, deixando a certa altura de ter notícias.

valter hugo mãe traz para uma escrita que é tudo menos realista uma realidade muito raramente em cena, a pobreza (e a loucura) que se aloja nos seres excluídos: dos emigrantes do leste, entregues apenas a sobreviver, “dispostos a carregar com os camiões aos ombros”, reunidos em casas exíguas onde apenas se desenvolvem relações sem relação e, subtraída a intimidade, seres sem ser que, como corpos em bruto, descarregam uma sexualidade anónima, e trabalham para mandar dinheiro aos que ficaram; do patamar social mais baixo do trabalho feminino desqualificado, mal pago, desenquadrado de qualquer protecção social - vêmo-las (a Maria da Graça e Quitéria) desbragadas, frias e obscenamente a conversar sobre sexo sentadas na soleira da porta num bairro social.

Ao mesmo tempo, o autor povoa a narrativa e o discurso de ícones emblemáticos de uma vida “mesquinha”: a garrafa térmica de chá no autocarro, os estendais nos pátios das traseiras dos prédios, as mãos que se limpam nos aventais, a falta de aquecimento das casas... os múltiplos e mutantes itens do mundo da limpeza: o cif líquido marino, o cillit bang (“bang! and the dirt is gone”)

A morte e a figura do duplo subsumem este livro. O Duplo - uma terceira entidade qualquer - instabiliza a identidade do sujeito e leva-o até à morte; o Duplo, fantasma de uma pessoa viva, eco ou sombra ou duplicação (ir)real trazidos em sonhos (ou pesadelos) ou até em estados de alerta, contemporâneos ou vindos de trás, do passado ou da infância. O senhor Ferreira tem consigo a morte do pai que desfasadamente repete; Quitéria vela mortos; Maria da Graça quer morrer de amor pelo senhor Ferreira que a iria tomar nos braços. “Expôs o corpo dela ao precipício (...) já não era desgraça nenhuma.” Maria da Graça é uma figura bíblica, como Macabéa, a personagem de “A hora da estrela”, de Clarice Lispector: “morrendo ela virou ar. Ar enérgico? Não sei.”

Buzzati, autor de uma obra que questiona o poder e indaga o sentido da vida



Acédia crepuscular

Um estilo seco, isento de malabarismo, entretence a intriga das pessoas simples. Eduardo Pitta

A Derrocada da Baliverna
Dino Buzzati
Trad. Margarida Periquito
Cavalo de Ferro

★★★★☆



O italiano Dino Buzzati (1906-1972) tornou-se mundialmente conhecido em 1940 quando publicou “O Deserto dos Tártaros”, um romance alegórico, que Camus adaptou a teatro e Zurlini levou ao cinema, que está de volta às livrarias portuguesas (a edição anterior estava esgotada) em simultâneo com a recolha de contos “A Derrocada da Baliverna”. Jornalista e escritor, além de pintor, Buzzati escreveu libretos de ópera, crónica, teatro, poesia e ficção, área em que se notabilizou: cinco romances e cerca de uma centena de contos fizeram dele um nome incontornável da literatura europeia do século XX.

“A Derrocada da Baliverna” é um conto de 1957, coligido em “Sessanta racconti” (1958), que surge a dar o título e a abrir esta recolha de trinta e sete narrativas. Autor de uma obra que questiona o poder e indaga o sentido da vida, Buzzati, um verista por excelência, tem sido associado ao realismo fantástico graças ao estranhamento que nimba tantas das suas histórias. “Triunfo” é um exemplo entre muitos: “No laboratório entrará o cortejo, automóveis, girafas, tocadores e tudo o mais, reduzindo-se a dimensões microscópicas; e os dois cavalões brancos, pateando sobre o banco de trabalho de Ermanni, aquele porco, nele descarregarão os excrementos.” Fazendo do não-dito um dos seus traços distintivos, a elipse - como, por exemplo, em “Algo Acontecera” - é decisiva na estratégia narrativa.

Saídas

Ficção



Um Novo Sopro de Morte
Ruth Rendell (tradução de Pedro Vidal)
Publicações Europa-América, 17,99€
Sobre a obra da inglesa Ruth

Rendell os críticos dividiram-na em três categorias: uma série dedicada ao Inspector Wexford, da qual “Um Novo Sopro de Morte” faz parte, uma outra à psicologia patológica e os romances assinados com o pseudónimo Bárbara Vine, que revelam sua faceta psicológica. Nesta história, um caso que inspector Wexford tratou sozinho é desenterrado quinze anos depois porque alguém quer provar que o inspector estava enganado.

Sociologia



Do Bidonville ao Arrastão: media, minorias e etnicização
José Ricardo Carvalheiro
Imprensa de Ciências Sociais, 20,90€
Escrito por um

sociólogo português este livro traça as semelhanças sociológicas do fluxo de portugueses para a França e de cabo-verdianos para a Portugal. O objecto de pesquisa foram os descendentes destes dois grupos migratórios. Perguntas relativas à integração social, identidade e o discurso construído sobre eles na imprensa são levantadas nesta obra de pesquisa. Carvalheiro é professor no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade da Beira Interior e investigador em media e cultura no LabCom - Laboratório de Comunicação Online.

Viagens



Os Outros Caminhos do Mundo
Clara Pinto Correia
Oficina do Livro, 15,00€
É uma reunião de memórias e histórias de

viagens pelo “mundos dos outros” de uma “bióloga escritora” que já viajou aos vários países. Tais experiências já foram retratadas em reportagens para jornais e revistas. A escritora começa a saga na Jordânia e termina na Jamaica, mas passa pela Ilha da Páscoa, Moçambique, Austrália, México, na última semana em que a União Soviética foi a União Soviética, Los Angeles e Argentina.